



eterno nela confiou, dando-lhe Seu Filho (cf. João Paulo II, *Redemptoris Mater* 39). Chamados a trabalhar para vencer o pecado e crescer na santidade, sentimos necessidade de levantar os olhos para ela (cf. Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* 65), para imitá-la e, como Jesus, viver sob sua proteção materna.

5. Conclusão

Haverá uma nova primavera da vida cristã “se os cristãos forem dóceis à ação do Espírito Santo” (João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente* 18). Cabe-nos, pois, criar condições para que essa nova primavera aconteça. Para isso, coloquemos o passado da Igreja na misericórdia de Deus; o presente, no seu amor; e o futuro, na sua Providência (cf. Santo Agostinho). E agradeçamos a Deus o privilégio de viver este *kairós*.

Endereço do Autor:

Caixa postal 152
87001-970 MARINGÁ, PR



LIVRO DA SABEDORIA Aos Governantes, sobre a Justiça

Pe. Ney Brasil Pereira

Ed. Vozes-Sinodal, 1999, 236p.

O autor volta a surpreender-nos com um comentário profundo e ao mesmo tempo pastoral, que não evita os problemas técnicos mas os apresenta em linguagem acessível. A obra se apresenta como uma ferramenta para a tarefa de estudar e difundir as Escrituras com seriedade nas comunidades cristãs da América Latina, e em todo lugar onde exista sensibilidade ante as desigualdades e a hipocrisia dos governantes. Dizemos que volta a surpreender-nos, porque esta obra repete as virtudes de seu anterior comentário ao *Sirácida ou Eclesiástico*, publicado na mesma coleção em 1992. É de esperar que possamos dispor logo de uma tradução castelhana deste novo trabalho (embora esteja ainda pendente a tradução do anterior), e isto não só por seus méritos mas também pela quase ausência de comentários sobre Sabedoria em língua castelhana. De nosso conhecimento, contamos com o trabalho de Luís Alonso-Schoekel de 1974, o grande comentário de José Vilchez de 1990, e o mais recente (1992), de J. Busto-Saiz, como únicos materiais disponíveis.

Pereira organiza sua exposição do seguinte modo: na Introdução apresentam-se os temas que situam o leitor na obra a estudar. Ali se analisam o autor, a data, o ambiente social e cultural em que o livro se gestou. Também a unidade literária e sua estrutura de superfície, suas dependências literárias e seu conteúdo teológico. É importante destacar a seção sobre uma possível leitura feminista, devido ao fato da habitual apresentação da sabedoria como uma entidade feminina, e também a breve referência a interpretações do passado que nos recordam que não somos os primeiros em descobrir a riqueza de um texto bíblico em particular. Comenta-se também sua relação com o Novo Testamento, com as escrituras judaicas bíblicas e extra-bíblicas, e com textos gregos em geral. Até aqui as primeiras 49 páginas. Logo passa ao comentário propriamente dito, onde se exploram os sentidos do texto, procurando ouvir “o que o Sábio nos tem a dizer”.

O autor distribuiu o livro em quatro partes:

I. Cap. 1,1—6,21: Justiça e Sabedoria

II. Cap. 6,22—9,18: A Sabedoria em si mesma



III. Cap. 10: Sabedoria e Justiça na história primordial

IV. Cap. 11-19: Sabedoria e Justiça no Êxodo

Seguindo um critério já bastante difundido na América Latina – e em forma crescente em outras latitudes – o texto é analisado por perícopes e não versículo por versículo, como ainda continuam fazendo um número importante de especialistas. É claro que esta opção não é por mero comodismo nem para economia de palavras. É consequência de compreender que desta maneira se respeita mais o texto recebido, ao mesmo tempo que se consegue uma melhor compreensão de sua mensagem. Uma análise de qualquer texto demonstra que não se escrevem frases soltas, apenas vinculadas por vírgulas e pontos, mas que a unidade *kerigmática* costuma ser o período, e mesmo a perícope completa. De modo que, se a intenção do comentário é abrir a mensagem do livro ao leitor, a opção de analisar perícopes e não versículos isolados supõe um avanço metodológico, que mostra frutos imediatos.

Vamos destacar dois pontos nesta rica obra, tão só para ressaltar sua importância e a necessidade de incluí-la entre nossos textos de referência para o estudo deste importante livro sapiencial. Em primeiro lugar, o autor assinala que o título sofreu mudanças: nos Setenta, seu título é *Sabedoria de Salomão*, enquanto que a Vétus Latina e a Vulgata o chamam de *Livro da Sabedoria*. Ambos os títulos, e provavelmente sem desejá-lo, ocultam o tema central da obra, que é a Justiça. De fato, a primeira linha do livro diz:

Amai a Justiça, vós que governais a terra...

Com isto, ajuda-se o leitor a situar-se em duas coisas. A primeira, que o tema da Justiça percorrerá todo o livro. A segunda, que o livro está dirigido aos governantes, aos que detêm o poder e podem decidir sobre a vida dos outros. É certo que esta interpelação aos governantes pode ser retórica, como quando os profetas imprecam aos “reis das nações”, mesmo sabendo que suas palavras não serão levadas em conta por esses funcionários. Contudo, mais além da possibilidade de que os verdadeiros governantes escutem e levem em conta as palavras do autor, vale um seu reconhecimento semiótico. Isto situa o discurso no nível das decisões políticas e no jogo do poder social, onde se decidem as questões que determinam a justiça e a injustiça. Nosso autor assinala que o destinatário destas palavras não são apenas os governantes de altos cargos, mas também todos aqueles que exercem autoridade nos vários níveis. E ao exprimir-se assim não exclui nenhum aspecto secular, nem tampouco o eclesial. Pergunta-se, enfim, se ao escrever um livro identificado pela tradição como “da Sabedoria” ou “Sabedoria de Salomão”, não seria de esperar que começasse: *Amai a Sabedoria...*? Entretanto, nota que no cap. 6,21 se diz: *Honrai a Sabedoria...* numa espécie de inclusão que estabelece a relação entre Justiça e Sabedoria: “esta, apresentada como celestial, divina, vinda do alto; aquela, sendo seu efeito humano, especialmente



a justiça no governo sendo seu fruto excelente” (pág. 54).

O autor reconhece que uma peça central do livro é a oração do cap. 9. Obra magnífica que de algum modo encerra o elogio da Sabedoria e abre para um novo capítulo. O tratamento que Pereira dá a esta unidade é por demais interessante e sem dúvida fará o leitor meditar. Assume-se que nesta oração se cristaliza o que já se havia apresentado de forma dispersa: que a Sabedoria é Dom de Deus e que em consequência não pode ser alcançada apenas pelo esforço pessoal, mas há de ser recebida como Dom de Deus em resposta à oração e súplica do crente. Nosso autor distingue nesta oração três partes:

9,1-6: súplica direta

9,7-12: motivos pessoais de Salomão

9,13-18: reflexão e súplica do autor

Na primeira secção, a oração está cheia de alusões criacionais: a criação do universo, do ser humano, o domínio dado ao ser humano. Nosso autor assinala que, a propósito, o domínio do mundo deve realizar-se no âmbito da santidade e da justiça. E assim se explicita a vontade de Deus no contexto de uma tradição mais antiga, que não o deixava inteiramente claro. É assim que não se suplica por uma ajuda da Sabedoria, mas pela Sabedoria divina em pessoa, como elemento necessário para o bom governo. No fim, Salomão se reconhece como servo e fraco, e portanto necessitado da sabedoria de Deus, para levar adiante o projeto de governar com justiça.

A seguinte secção é apresentada por Pereira como uma perícope delimitada pela expressão “teu povo” (v. 7 e v. 12), o que produz uma estrutura de inclusão. Ao mesmo tempo se passa da primeira parte, onde o tema é o chamado universal a toda a humanidade, para uma segunda parte, onde se apresenta o chamado concreto a Salomão. Ser rei e juiz são as funções que Deus deu a Salomão, as que ficam confirmadas na oração e expressam a confiança de que suas obras, especialmente a construção do Templo, serão bem recebidas por Deus.

A terceira parte contém uma linguagem mais identificada com o real autor alexandrino do que com o autor semiótico, isto é, Salomão. Começa com perguntas retóricas que não precisam de resposta. Expressam um sentir típico da literatura sapiencial: que a Sabedoria pertence a Deus, é inacessível, e somente Ele é o verdadeiro Sábio. Pereira conclui ressaltando que o texto afirma que só com esse reconhecimento as ações dos homens serão retas e chegarão à salvação.

Finalmente, é de destacar que nosso autor apresenta sua própria tradução do texto original grego. Ele segue o texto publicado na “Bíblia Vozes” em 1982, do qual é o tradutor deste livro assim como dos demais livros deuterocanônicos, e assinala que incluiu correções próprias a partir

da investigação mais recente e do trabalho exegético. Esta característica – de oferecer uma tradução própria para cada comentário – é elogiável e deveria ser continuada em toda a coleção. Uma boa tradução é já um trabalho exegético e hermenêutico que, sendo bem lido, diz bastante sobre o sentido de um texto e abre boa parte de suas possíveis leituras.

Pablo Andinach

Endereço do Recensor:
ISEDET - Decanato
Camacú 252
1406 BUENOS AIRES, Argentina

BRASIL 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO

Pe. José Artulino Besen

Ed. Mundo e Missão, São Paulo, 2000, 96p.

O autor, José Artulino Besen, é padre desde 1976, e desde a mesma época é professor de História da Igreja no ITESC. O livro é composto de uma coletânea de artigos publicados no Jornal "Missão Jovem". De maneira simples, mas não ingênua, o autor insere-se no contexto histórico da celebração dos 500 anos, e dedica-se a abordar vários assuntos da história religiosa do Brasil. Alguns títulos, por exemplo: "A América entra na história ocidental", "Conquistadores e Evangelizadores", "Os Bandeirantes e a morte das missões", "'Pão, pau e trabalho', o negro no Brasil", "A alternativa do catolicismo popular", "A Igreja brasileira e a romanização", "Os pobres no coração da Igreja", "500 anos: continua a paixão pelo Evangelho"... A ótica, através da qual é analisada a história, é a do povo e dos pobres, os quais, segundo o autor, são os verdadeiros agentes da história, também da história eclesial. Lida a partir deste ponto de vista, "a história tem mais vida, constância e criatividade". O dado histórico está magistralmente inserido no contexto da sociedade, sendo que as dimensões econômica, cultural e política, contribuem para explicar o fenômeno religioso. Os inspiradores deste conteúdo são alguns dos grandes historiadores da Igreja na América latina, como Enrique Dussel, Eduardo Hoornaert, José Comblin, Riolando Azzi e José Oscar Beozzo. "Conhecer a história, sem mistificações, é o meio de amá-la e continuar a construí-la".

Giorgio Paleari

Endereço do Recensor:
A/C ITESC: Cx. Postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC

Revisão do currículo

Respondendo à necessidade de rever e atualizar o currículo do ITESC, necessidade manifestada pelos vários segmentos do Instituto, especialmente pelos estudantes e seu Diretório Acadêmico, deslançou-se, no segundo semestre letivo, o processo revisório, coordenado pelo Vice-Diretor, Pe. Dr. Agenor Brighenti. Foram feitas várias reuniões, ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro, envolvendo alunos, professores e formadores. O processo culminou em três reuniões do Colegiado: a primeira delas em 11-10, a segunda em 26-10, e a última, com a presença de todos os Bispos de Santa Catarina, do Regional Sul IV da CNBB, no dia 31-10. Nesta última reunião discutiu-se e aprovou-se a proposta definitiva da Grade curricular para 2001, ad referendum de uma próxima reunião da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, mantenedora do Instituto. De fato, a reunião privativa dos Senhores Bispos ocorreu a 4-11, em Lages, nela efetivando-se, com leves modificações, a grade curricular apresentada, a entrar em vigor em 2001. Assim, portanto, no novo Milênio, um novo currículo...

Peregrinação jubilar

No dia 3-10, incorporando-se ao movimento universal de peregrinações que marcaram este Ano Santo, o ITESC realizou a sua caminhada jubilar até o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, no distrito da Lagoa, no interior da Ilha. A distância, percorrida a pé por alunos, professores e formadores, era de cerca de 8 kms, tendo-se iniciado com bela motivação, proferida pelo Pe. Evaristo Debiasi, na escadaria frontal do Instituto. Chegando-se ao topo do morro que se interpõe entre a cidade e a Lagoa, fez-se uma parada para descanso e reflexão. Esta, a cargo dos alunos, que encenaram os inícios da evangelização de nosso país, há 500 anos. Chegando-se ao Santuário, após momentos de oração pessoal, realizou-se uma celebração penitencial, com tempo para confissões individuais a seguir. Após o almoço, oferecido pela comunidade e à base de peixe, realizou-se, após uma pausa, a celebração eucarística, presidida por Dom Orlando Brandes, bispo de Joinville. Bela celebração, na qual Dom Orlando ajudou-nos a vivenciar a mística e o compromisso do Jubileu.

Semana Teológica

Realizou-se, entre 16 e 20 de outubro, a Semana Teológica do ITESC, neste ano sobre a temática "Ecumenismo e Diálogo inter-religioso no novo Milênio". O evento, assessorado pelo Pe. Gabriele Cipriani, consultor da CNBB em Brasília, contou com a participação de leigos e leigas interessados, além dos